

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 26 de julho de 1903
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

QUANTUM MUTATUS...

Ha quarenta annos a igreja matriz d'esta villa pela sua representação funcional dava-se ares de uma cathedral pequena.

O seu D. Prior, Antonio de Lima e Miranda, tinha a respeitabilidade de um bispo pela tolerancia christã, doçura de trato e desprendimento de interesses, que obtinham como recompensa as manifestações sinceras e carinhosas que toda a população da villa fazia ao seu alto e sympathico antistite nas raras vezes que elle apparecia na rua.

Os conegos da Collegiada satisfaziã todas as exigencias do culto, não prestando alguns meos lustre por seus conhecimentos que por suas virtudes.

O proprio sineiro, o *ceguinho do Afonso* (que nos perdoe orisonho Zé da Mãe), tinha arrebatamentos geniaes nos seus repiques obrigados...

Para dar porém a maior solemnidade ás exigencias lithurgicas, havia n'esse tempo um artista que preenchia todos os desejos.

Era José Antonio do Amaral—o *organista*.

Este, comparecia ás horas do côro, sentava-se em frente do orgão que hoje se acha desmantelado; e, principalmente durante a missa do dia, era um gosto ouvir os adejos d'aquella vocação musical.

Saiam-lhe dos dedos catadupas de harmonias, nas suas divagações pelos variados dominios das gammas.

Era um soluçar, um carpir, um sonhar, um subir ás rubro-azulinas regiões do empirio para cair na adoração do Ignoto e vir descendo, a alma contente e cançada, agarrando-se aos motivos da arte até se despenhar vagarosamente nas canções populares e favoritas da epocha.

Pediessim-lhe para repetir o devancio artistico que elle confessaria a sua impossibilidade.

O Amaral, tambem conhecido em Barcellos

pelo *José dos Terceiros*, era filho de Bento José do Amaral e de Joaquina de Mello.

Nasceu por 1804 ou 1805, foi provido no logar de organista em 5 de agosto de 1820 e falleceu em 10 de julho de 1879.

A «Lagrima», offerecendo hoje aos seus leitores a photogravura de um barcellense de merecimento, posto que modesto, evoca á recordação dos patricios cocvos scenas e personagens d'uma sociedade menos decadente e mais sincera.

Fabricio.

Quarta-feira á noite fomos chamados a toda a pressa á Porta Nobre, pelo telephone, devido á amabilidade do nosso correspondente ali, sr. Coutinho.

Mettemo'-nos n'um trem de praça, mandamos bater em direcção do antigo pasmatorio da Calçada. Em poucos minutos nos apeiamos. Sainos logo ao encontro o nosso correspondente, em mangas de camisa, a suar por trás e por diante, d'um lado e d'outro.

—Então que ha? Perguntamos, vendo a loja do sr. Falcão desusadamente frequentada por todos os rapazes de Barcellos e por mais alguns, cujos nomes ignoramos... Houve alguma explosão de gaz acetylene? Rebentou o cano d'agua Borges?

—O' caraguinho, disse-nos o Coutinho... Causa de chupeta para a «Lagrima». Mas você não falle em mim. Eu sou modesto... sabe. Estavam aqui na loja o sr. dr. Fontes e o sr. Baptista Mello a fallar sobre vinho bom e mau vinho e vae chegaram a uma afinação em que se emperreceram muito, a pontos do sr. dr. apostar 10,000 réis em como o seu rascante era superior ao de sr. José de Bessa e o sr. Baptista dez tostões em como não era,

O que é certo que o sr. dr. foi a casa, trouxe consigo uma amostra de vinho, que disse ser o



que em casa d'elle bebem os criados; já chegou outra amostra do *piraco* do sr. Bessa e está-se a contas com as provas.

É realmente n'um compartimento envidraçado—que se vê na loja do nosso valente correlligionário sr. Manuel Luiz da Silva Falcão,—o sr. Torres, vendeiro, de malga na dextra fazia com ella evoluções de translação, de maneira ao summo de parra fazer pente nas paredes da porcellana. Bobia, cheirava o vinho, botava um pouco na palma da mão esquerda e, depois, com a outra dava uma palmada de maneira a pulverisal-o...

O Neiva tinha chegado, tambem, acompanhado—não d'um apparelho de pesagem—, mas d'uma móca, sua inseparavel.

O Neiva operou como o Torres, pouco mais ou menos.

Todos estavam suspensos á espera do verdictum. O jury, porém, já tinha tido tempo de beber duas pipas de vinho, quanto mais de dar a sua opinião.

Mais de quarenta individuos promettiam, com toda a gentileza, fazer provas.

Dizia-nos o Coutinho: não lhe parece que não deviam ser vendeiros os provadores; estes conhecem bem o paladar do Zé Povinho mas não o paladar fino do dandy, da senhora de casa, do abbade, do jornalista, etc. Bem sabe que nem todos os gostos são eguaes, porque então que seria do amarello. O Zé o quer, em regra, é vinho encorpado como sangue de carrapato. Eu, dizia-nos o Coutinho, tenho de reparar se o vinho é aromatico, gasoso, alcoolico, etc.

O vinho do futuro, da gente civilisada, ha de ser uma bebida leve e espirituosa.

Resultado do jury—que era presidido pelo sr. Falcão—. Qual é o vinho melhor?

N'um xe xabe...

Dez mil réis para o bolso do sr. dr. Fontes e dez tostões para o bolso do sr. Baptista. Não que a vida é dura, palavra de honra! Dez mil réis e duas *pmbas* é muito dinheiro.

As Pitulas Pink foram officialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 1\$000 reis a caixa, 5\$000 reis 6 caixas. Depo- sito geral, para Portugal, James Cassels e C.^o Successores; rua Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Album da Lagrima

Veio-nos á mão uma missiva amorosa, cujo parto foi dado á luz em Espozende.

Para não enchermos a *Lagrima*, trazemos para aqui sómente alguns periodos mais re- tambantes:

Acceite saudades d'aquelle cujos pensamen- tos se esgotam no simulacro de V. Ex.^o

Ora esgotar os pensamentos no simulacro da dama é contrasenso.

E' adorar a sombra e desprezar a presa.

Mais:

... arde n'um amor perenne, lharo e equestre.

Aqui está bem: amor d'alta cavallaria! Este periodo foi escripto no mez de maio...

Rompe a beziga:

... o teu sagrado amor—lascivo e vo- luptuoso.

E' o amor carnal. O amor matéria—que tem a sagração do amante. Em vez de escrever isto, o amante devia coçar-se em matto arnal.

Somma e segue:

De quem era esse syngrapho tão divo, que veio rejubilar minha alma...

«Syngrapho» em Espozende é synonymo de *crepitus ventris*.

Idem:

Espero não intervir a zelotypia de parte a parte que em mim não cessam as blandicias.

Um periodo «equestre», e «syngrapho»!

Está a acabar:

... juramentos bronzeados.

Por quem? Pelo Pinta Ratos?

Finalisemos:

Estugo-me a escrever-the a enviar-the uns symgraphos olographos para aliviar—paixões saudades.

Lindo fogo de vistas, este, que podia ser queimado em Espozende na festa da Senhora do Livramento, no dia 15 de agosto. Nem o fogueteiro de Vianna seria capaz de tanta pyrotechnia.

Franqueza: se nós fossemos a dama d'estes devaneios haviamos de conseguir que o amante desse ingresso n'um museu zoologico.

COISAS COM QUE EU EMBIRRO

Com um individuo que chama bebado aos outros, antes que lh'o chamem;

—Com a gymnastica do Rodrigo Santos e com o florete do Costinha;

—Com o *Sympathico* e as perfiladas;

—Com o *tabaco* que fuma o Eduardo Lemos;

—Com os *convites* do Ayres, de S. Martelo;

—Com o cavallo do Leonardo Forte;

—Com o monoculo do Ferreira;

—Com o *numero unico*;

—Com o bigodé do Maciel do Coelho Gon- çalves;

—Com as louvações do José Velloso;

—Com a cara do Zé da Mãe que o Quintas mandou esculpir junto á cornija da sua nova casa;

—Com a «Lagrima»;

—Com um traste antigo que o Carcereiro quer vender ao Mirôlho para surdinar o Baixo.

A LAGRIMA

DR. BERNARDO DE SOUZA BRITO

A «Lagrima» acompanha a imprensa local na consagração ao espirito de Justiça do dr. Bernardo de Souza Brito.

E cumprimentando s-ex.^{ca} pela promoção honrosa que acaba de receber superiormente, despede-se d'um Magistrado que atravessou, durante tres annos, Barcellos, sobre as durezas da Lei, com os codigos em uma das mãos e o coração na outra.

FERNANDO DE MAGALHÃES

A obsequiosidade de um cavalheiro nosso amigo deve «A Lagrima» a honra, que recebe, de publicar hoje uma poesia inedita do antigo general Fernando de Magalhães Villas-Boas nosso respeitabilissimo patricio.

Era o finado lente daescola Polytechnica de Lisboa, Fernando de Magalhães, irmão dos nossos nobres patricios José de Magalhães, João Malheiro de Magalhães, Diogo de Magalhães, Theotónio de Magalhães e Joaquim de Magalhães e de D. Maria do Carmo de Magalhães, e tio da Viscondessa de Bettencourt, Francisco Perfeito de Magalhães e D. Adelaide de Magalhães Novaes.

Foi novo para Lisboa, aonde casou, e aonde se finou, não ha ainda muitos annos.

Foi eleito deputado por este circulo de Barcellos, e em uma eleição bem disputada, em 1861 não me recordo bem se elle foi reeleito em outras sessões legislativas, mas em 1864 ainda elle representava Barcellos no parlamento.

Em 1868 accitou o illustre engenheiro, e com a mais fidalga gentileza, o pedido que o Definitorio da Ordem Terceira d'esta villa lhe fizera para examinar em Lisboa, aonde fôra fundido, o carrelhão de sinos, que toca em a torre da Igreja dos Terceiros, o que desempenhou com a maxima competenciá, fazendo-se acompanhar n'aquelle trabalho pelo regente da guarda municipal de Lisboa.

Engenheiro distincto, lente abalisado, Fernando de Magalhães era tambem um poeta de muito merecimento, como o mostra a mimosa poesia, que hoje nos orgulhamos de dar á luz da publicidade.

Vinde ouvir, vinde ouvir, camaradas,
Uma historia vos quero contar,
Verdadeira... d'aqui mesmo posso
Indicar-vos da scena o logar.

Nessa praça que o nome decora
De soldado philosopho e rei
Veneranda figura de velho
Por acaso, passando, encontrei.

Infundia respeito... cobria
A cabeça com um rôto boné;

Raras cáas; amplo e negro bigode;
Quem dirá que um soldado não é?

Chócha a manga da farda, e pendida
Revelava dos braços um só,
E na mão que lhe resta colhia
Pobre offrenda do publico dó

—Que perdeste o teu braço na guerra,
Pela Patria, ancião, vou jurar:
Esse ar nobre que é só de soldado
Não t'ô pôde a miseria apagar.»

—O meu braço perdi-o na guerra;
Pela Patria se foi, não direi:
Quando irmãos contra irmãos se alevantam
De que lado é a Patria, não sei.

«Pelo bravo Avillez conduzido
Muitas vezes a brecha investi:
E ferido não fui: Deus bem sabe,
De soldado o dever, se o cumprí.

«Isso sim que era guerra deveras
Da Peninsula a guerra, isso sim!
Por me verem illeso os meus bravos
Companheiros, zombavam de mim.

«Mas não era zombar, que offendesse;
Bem sabiam quem era o Vinte-e-um;
Mais feridas, contadas, podiam
Numerar, mais batalhas, nenhum.

«Vem depois essa guerra maldita
Essa guerra d'irmão contra irmão...
E o meu braço... perdê-lo em taes guerras
O' meu Deus, maldição, maldição!

«E contar pelas dores os dias...
De miseria e de fome cahir...
Um só braço sentir, braço inutil
Que não serve senão para pedir!..»

Do ancião pelas faces rugosas
Duas lagrimas vi deslisar,
E da farda o canhão desbotado
Esse pranto sublime enxugar.

De Camões e Albuquerque até quando
Hão de as sombras illustres surgir
D'entre as glorias da Patria, e um gemidos
Ao gemer d'outros bravos sorrir!

Archeologo.

Notas diversas

Ha dias, estando um grupo de rapazes a tocar algumas valsinhas, um menino pediu que tocassem a marcha «Arroz de 15». Afinal de contas, após bastantes interrogações, veio a

A LAGRIMA

apurar-se que o que elle queria era a Marcha Luiz XIV.

*

Diz um amador de musica da nossa terra:

—Não sei que diabo é que, quando estou a tocar, vem-me uma vontade de dormir passmosa.

Ora adeus—isso é modestia!

*

O Paes de Faria sempre se cuidou pouco da barba. Muito fresco do fato, nem vislumbres de caspa, os dentes como marfim, mas a barba hirsuta, manchando o palminho de cara gentil.

Vimos, porém, notando ha semanas que o nosso amigo, pequeno, se apresenta, em publico e em particular, barbeado, fresco como uma alfaca: um encanto.

Ora o Paes de Faria não vae ao barbeiro e mais soubemos que não se barbeia.

Mettemos-lhe um reporter á perna e podemos informar os leitores que é elle, de sociedade com uma gentil criança, filho-familia, que se barbeiam mutuamente, todos os dias.

Justifica-se isto, como medida hygienica e economica.

*

Temos algumas referencias a fazer sobre a excursão dos caixeiros.

Retiramol-as, por falta de espaço; mas, creiam os leitores, nada perderão com a demora.

*

O Galalhufes indo a Oliveira comprar objectos antigos e tendo conhecimento que só o sachristão da freguezia e o burro do regedor eram muito antigos e de muito valor archeologo, mas que se offerciam por alto preço, mercou antes duas pegas. E' veridico.

CARTAS D'ALDEIA

Espozende, 22 de julho

Partiu para Braga o sr. Espantaleão Sebento da Rocha Cabral que vae áquella cidade fazer exame de cabo.

—Espera-se n'este importante porto a esquadra allemã, que vem cumprimentar o regedor d'esta aldeia.

—Começaram os exames do 1.º grau.

O sr. sub-inspector do circulo a que Espozende pertence tem sido rigorosissimo, pois, até hoje, tem dado nada menos de 18 rapozas.

Distincções, só houve tres a saber: Sargento Rubin (87 valores), João Lopes Cardoso, (58 valores), Antonio Abreu (52 valores).

Rapozas com rabos de mais de 10 metros, só houve duas:

Amadeu Cardoso (23 valores) e Reverendo José Vieira (25 valores).

Os valores correspondem aos annos dos exa-

minandos. Os do Reverendo, correspondem aos annos, só depois de invertidos os algarismos.

—A pesca tem sido abundante.

Hontem, pescaram-se 18 sardinhas, 325 pescadas, 1027 salmões, 437 lampreias, 2 fanecas e 5024 sôlhas.

—Em virtude da morte do Papa:

não abriu hoje a Bolsa;

não se publicou o «Povo Espozendense», que se publica aos domingos;

o regimento de artilharia 15 anda de grande gala.

não se representou, como estava annuciado, «O OTHELO», no theatro da Avenida Visconde da Brezunda;

não reuniu a camara dos pares, nem a dos deputados;

não se jogou o bilhar na assemblea.

E muitas outras manifestações de sentimento. Até á semana.

Menino

Discutia-se nesta redacção se devemos pronunciar *hotel*, com accento na primeira ou na segunda silaba; isto é, se deveria ser *hótel* ou *hotél*.

Trinta Reis, que estava presente, e que muito gosta de, sempre que pôde, metter a sua colherada, replica logo:

—Oral Deve ser *hotél*, porque é uma peça que o sr. Carreira tem para ensaiar.

Essa peça era o *Othelo*.

Tem havido um verdadeiro enthusiasmo com a compra do numero unico comemorando a excursão dos caixeiros a Barcellos.

Os donos dos hoteis após o dia da excursão venderam frangos a tostão e carneiros a 300 réis, cada, recheiados de picado saboroso e assadinhos que era um regalo; o editor do numero (para liquidar) fez tambem uma grande redução ao preço estabelecido para a venda!

Barcellos, delirou!

*

Ha dias um comprador do numero foi mostrar um recibo a um comprador, que não pagou. Perguntaram-lhe:

—E elle que disse?

—Disse que fosse tẽr com o Diabo.

—E tu que fizeste?

—Fui tẽr com o editor...

Morrendo ha annos em Gemezes um homem afogado, mandou a viuva fazer todas as diligencias para elle apparecer. Alguem lhe disse que não devia affligir-se por não apparecer o cadaver.

—Vocẽs dizem bem, replicou ella. Se o cadaver não apparecer, não posso tornar a casar.